



Carta Aware

FEVEREIRO 2024

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

Em meio ao alvorecer do burburinho político que a corrida presidencial de 2024 promete, com o estopim marcado pela elegibilidade de Donald Trump, a América decide, assim como no American Idol, quem estará em prumo com a nação e retomará os rumos do país: O cada vez mais improvável e decadente Joe Biden, ou, como tudo indica, o retorno de Donald à Casa Branca com uma vitória esmagadora.

Não. A vitória não virá com louros. Afinal, nota-se que, apesar do apoio incondicional a Trump e suas bandeiras ideológicas e diplomáticas por boa parte do território, o empurrãozinho à beira do tobogã vem como um solavanco do povo norte-americano, buscando se livrar por todos os custos e meios do desastre apocalíptico na condução econômica, diplomática e social do governo Biden.

Ainda assim, na conjuntura atual, inserir os republicanos em regresso ao poder, ainda mais orientados por uma figura tal qual Donald Trump, é o menor dos males. Trump resgatará o "world famous" patriotismo, levantando mais uma vez a bandeira de tornar a América excelente novamente. O ódio ao diferente também regressa, alimentado pela conjuntura e pela história. Em momentos de crise, como a ucraniana e a israelense, a economia bélica reverbera o sentimento nato de destruição ianque, capaz de deveras impulsionar a produção, gerar empregos e, com alguém nato do empresariado, se alinhar ao FED na condução da birrenta inflação atual.

A questão a se compreender é como Trump conduzirá a aliança sino-russa e a iminência de um conflito potencialmente aniquilador com a Rússia e companhia... Cenas para os próximos capítulos.

Até o momento, o país até cresce com algum entusiasmo, acompanhado de mãos dadas de uma sorrateira inflação. O PIB teve expansão de 3,2% no quarto trimestre de 2023 ante o mesmo trimestre do ano anterior, de acordo com a segunda estimativa do indicador, divulgada pelo Departamento de Comércio do país. O resultado ficou um pouco abaixo da primeira prévia, divulgada em janeiro, e da estimativa captada pelo consenso LSEG de analistas, que previa uma alta de 3,3% na comparação com o mesmo período do ano retrasado. Com esses dados, o PIB real dos EUA cresceu 2,5% em 2023, ante uma alta de 1,9% em 2022.

E é nesse deslize do PIB, frente ao pessimismo anterior, é que Jerome Powell e o comitê do FED se agarram à ideia de que é possível manter o país em uma crescente com a inflação em caminho oposto. Ouviram-se relatos de alguma moderação na inflação de vários distritos dos Estados Unidos, embora as pressões de preço tenham persistido no país entre janeiro e meados de fevereiro. A informação consta no Livro Bege. De acordo com o Livro Bege, a atividade econômica nos Estados Unidos "cresceu levemente no balanço", desde o início de janeiro, com oito distritos reportando "leve a modesto" crescimento na atividade, outros três registrando estabilidade e um distrito vendo "uma leve desaceleração". O documento nota que os gastos dos consumidores, em particular em produtos no varejo, têm recuado nas últimas semanas. Há vários relatos de maior sensibilidade aos preços por parte dos consumidores, com consumidores gastando menos em produtos discricionários. O Livro Bege afirma que o aperto no mercado de trabalho diminuiu um pouco mais, "com quase todos os distritos reportando alguma melhora na disponibilidade de trabalhadores e na retenção de empregados".

Estados Unidos (cont.)

Sobre a inflação, o PCE subiu 0,3%, em linha com o que era esperado. Os dados indicam que a inflação segue em trajetória descendente – embora acidentada – em direção à meta de 2% do Fed. O relatório de Renda e Despesas Pessoais também mostrou que os consumidores retiveram algumas compras em janeiro. Os gastos aumentaram 0,2% no mês, um arrefecimento em relação ao salto de 0,7% do mês anterior.

Para Powell, faz-se o momento da tática golfinho, sobe ao palanque, bate palmas para a economia e motiva o crescimento controlado. Após, volta para as profundezas do FED e não gera margem para que alguém questione o motivo de o antes fabuloso início dos cortes nos juros em maio tenha se tornado um "ainda este ano confio de que estaremos reduzindo as taxas". O presidente do FED disse durante sabatina de legisladores na Câmara dos Representantes dos EUA, que, com atividade resiliente, mercado de trabalho forte e inflação em queda, há possibilidade de que a economia americana "faça um pouso suave".

Powell também afirmou que não vê sinais de recessão no curto prazo e que a economia deve continuar crescendo este ano, seguindo a curva registrada no ano passado. Ao responder algumas perguntas dos legisladores sobre quando o Fed irá começar a afrouxar a política monetária, Powell repetiu o que já havia citado em seu discurso de abertura, de que ainda precisa ter mais confiança de que a inflação caminha de forma sustentável para a meta de 2%. "Não vamos declarar vitória antes da hora", disse ele. Powell também disse que a pandemia pode ter alterado, de forma sustentada, o nível da meta de inflação. Segundo ele, o Fed vai começar a analisar se a meta de inflação mudou ainda este ano.

Os dados de desemprego entregam a alegoria criada por Jerome. Como o pouso suave se transformará em um possível pouso de emergência em queda livre. A economia dos Estados Unidos continua a mostrar sinais de robustez, com um crescimento sólido no emprego, como indicado pelo relatório da ADP divulgado recentemente. De acordo com os dados, foram adicionados 140.000 empregos no setor privado em fevereiro, um aumento em relação aos 111.000 empregos registrados em janeiro. Além do crescimento do emprego, os salários anuais também viram um aumento de 5,1%.

Não só empregos, mas produção também vem com sustância. O PMI composto dos Estados Unidos avançou de 52,0 em janeiro para 52,5 na leitura final de fevereiro, informou a S&P Global. Analistas ouvidos pela FactSet previam queda, para 51,4. No setor de serviços, o PMI recuou de 52,5 em janeiro para 52,3 em fevereiro, enquanto a expectativa do consenso LSEG de analistas era de um recuo para 50,0.

Visando o futuro, assim como em boa parte do planeta, a indústria de produtos fármacos é resiliente nos EUA. Contudo, um novo nicho da farmacologia pode gerar um estímulo grotesco no PIB norte-americano. A economia dos EUA deve colher benefícios consideráveis do uso de medicamentos populares pelos americanos para perda de peso, incluindo o Ozempic e o Wegovy, escreveram analistas do Goldman Sachs em um relatório de pesquisa recente.



Estados Unidos (cont.)

O banco de Wall Street estima que os GLP-1s poderiam acrescentar 0,4% ao PIB dos Estados Unidos, uma medida ampla de todos os bens e serviços produzidos na economia, "em um cenário de base em que 30 milhões de usuários tomam os medicamentos e 70% sentem os benefícios", e até 1% se 60 milhões de americanos tomarem esses medicamentos regularmente. A economia dos EUA em geral foi de cerca de US\$ 28 trilhões no quarto trimestre, portanto, se a hipótese de alta do Goldman se confirmar, isso significa que esses medicamentos sozinhos poderiam aumentar a produção em US\$ 1 trilhão nos próximos quatro anos, aproximadamente.

Europa

No continente dos antigos, o novo é coisa do passado.

Salve a inédita valentia francesa na frente ucraniana e a oficialização da Suécia na Otan, nota-se que esse imperativismo francês vai até a página dois, visto que Macron tem falhado em resistir até as pressões do "agro povão", com suas foices e pilhas de adubo.

Ademais, na economia europeia, um bucolismo na dianteira desse antiquado trirreme, que parece estar com o motor cansado, as engrenagens enferrujadas e até mesmo aquela ilha que um dia foi arrojada para se separar, agora sofre vésperas de uma eleição com tropeços e catadas de cavaco do seu dinamismo produtivo.

Christine Lagarde enxerga uma letárgica inflação em vias de queda, mas a cautela e o ceticismo são o que contempla o imaginário europeu para o futuro próximo. Em discurso durante sessão plenária do Parlamento Europeu, a banqueira central ressaltou que o BCE ainda não tem confiança absoluta de que a inflação está retornando à meta de 2%, e por isso será necessário observar mais dados. O ponto que mais preocupa Lagarde é o aumento dos salários na zona do euro, cuja pressão segue "forte". Para ela, o atual nível dos juros básicos do BCE, "se mantidos por tempo suficiente", terá papel "substancial" na recuperação da meta inflacionária "em tempo hábil". Lagarde tem repetido esta mensagem em boa parte de suas comunicações oficiais, indicando que o BCE não deve mais subir juros nem reduzi-los tão cedo.

Nessa guinada rumo ao tal patamar mais ameno, a Alemanha contraiu. Mas isso realmente quer dizer que os preços também se apeguarão no ritmo esperado?

O PIB alemão caiu 0,3% no quarto tri de 2023, em meio a uma queda acentuada no investimento empresarial, cimentando a recessão econômica no motor tradicional da economia europeia. Por enquanto, a lenta marcha rumo à eficiência de preços vem surtindo algum efeito, ainda que não o desejado. O índice de preços ao produtor (PPI) da Alemanha caiu 4,4% em janeiro ante igual mês do ano passado, segundo dados divulgados pelo Destatis, o escritório de estatísticas do país. Analistas consultados pela FactSet previam declínio anual maior em janeiro, de 6,8%. Na comparação mensal, o PPI da Alemanha subiu 0,2% em janeiro. Neste caso, o consenso da FactSet era de estabilidade. Já o CPI, ficou em 2,5% na base anual. O número ficou abaixo do consenso de economistas ouvidos pelo 'The Wall Street Journal', de 2,6% e também desacelerou em relação aos 2,9% registrados em janeiro.

No território insular desvinculado ao bloco comum europeu, nada indo tão bem e a certeza era de que gostariam de ainda fazer parte da EU.

A economia do Reino Unido entrou em recessão no segundo semestre de 2023, um cenário difícil para o primeiro-ministro Rishi Sunak, que prometeu impulsionar o crescimento antes da eleição deste ano. O PIB sofreu uma contração pior do que a esperada de 0,3% nos três meses até dezembro, tendo encolhido 0,1% entre julho e setembro, segundo dados oficiais. "As empresas já não se iludiam com as dificuldades que enfrentam e essas notícias, sem dúvida, farão soar o alarme para o governo", disse Alex Veitch, diretor da Câmara Britânica de Comércio.

Europa (cont.)

No setor bancário britânico, solidez é a palavra-chave.

Os principais bancos do Reino Unido devem seguir com lucros robustos em 2024, apesar de perspectivas de redução na receita líquida de juros, avalia a Fitch, em relatório divulgado nesta terça-feira, 27. A Fitch ainda espera que a liquidez bancária continue forte e de alta qualidade, projetando uma desaceleração na migração de depósitos durante o primeiro semestre de 2024. "Esperamos que a receita líquida de juros seja moderada em relação aos ganhos de 2023, com base no aumento dos custos de depósito, margens apertadas nos empréstimos hipotecários e queda das taxas do banco central", projeta. De acordo com a agência, os maiores bancos britânicos informaram forte lucratividade em seus resultados de 2023, conforme os juros elevados do Banco da Inglaterra impulsionaram sua renda líquida, amenizando o crescimento modesto dos custos. Além disso, os encargos de redução ao valor recuperável de empréstimos foram contidos no ano passado, pontua a Fitch, o que também contribuiu para os lucros bancários. A Fitch pondera que a qualidade dos ativos permanece resiliente, apesar dos juros materialmente mais elevados e condições macroeconômicas fracas. Contudo, a agência prevê uma deterioração nos índices de empréstimos inadimplentes neste ano, à medida que os juros elevados reduzem a capacidade de pagamento dos tomadores de crédito.

Ásia

China

O dragão chinês já não cospe fogo como antes e seus voos já não parecem tão altos. Pelo menos, é isso o que o mundo gosta de acreditar no momento.

Com a economia patinando desde a pandemia, estímulos ineficientes em retomar o crescimento, uma bolha hipotecária explodindo como um balão de festa infantil, um desemprego da juventude que atordoia os especialistas pela falta de dados, uma natalidade em vias de declínio e um consumo anêmico desmascarado pela amedrontadora deflação, Xi Jinping e cia. Estão se vendo obrigados a prestar esclarecimentos e engolir a seco sobre acusações como de que a China sofre de uma "japanização" na economia.

A verdade é que o plano econômico de décadas arquitetado pelo Partido Comunista desenhou uma potência produtiva e exportadora de excedentes, mas ignorou a necessidade de uma regência do consumo. Por motivos diversos, com um estopim pandêmico, a realidade atual dos chineses é de que existe um anseio por mais estímulos estatais, como fomentado já fazem gerações, mas não está na agenda de Xi novamente aumentar a dependência da economia pelos empurõezinhos do partido. A grande incógnita em tempo é entender como a audaciosa meta de 5% de crescimento anual será cumprida se a produção não está se sustentando pelas próprias pernas. Vale destacar também de que o sentimento é como se a cúpula do poder na China não estivesse consternada com o fato (ou ao menos não se deixa transparecer), tendo em vista o aumento de 7%, como no ano anterior, nos gastos militares. Torna-se razoável encarar que os líderes do gigante asiático já se posturam para um cenário de eventuais dificuldades econômicas, desavenças diplomáticas e claro, muita demonstração de força e influência, no sudeste asiático e ao redor do globo.

Visando pontualmente apagar o incêndio hipotecário, o BC chinês reduziu sua taxa de referência de empréstimos de longo prazo, à qual as hipotecas, empréstimos corporativos e investimentos em ativos fixos estão ancorados, pela primeira vez neste ano. O Banco Popular da China cortou a Taxa de Juros Prime de Empréstimo de mais de cinco anos em 25 pontos-base, para 3,95%. A Taxa de Juros Prime de Empréstimo de um ano permanece inalterada em 3,45%. Ambas as taxas estão em níveis recordes.

Ásia (cont.)

Índia

De olho nos vizinhos em franca crise, os indianos não querem nem saber. Só o que importa é crescer, pois mão-de-obra não falta.

Segundo o relatório World Economic Outlook, o maior destaque no crescimento da economia global nos próximos dois anos deve estar sediado em Délhi. A Índia deve crescer 6,5% neste ano e no próximo.

Japão

Chegou o momento mais esperado dos últimos 30 anos. Alguns diriam que nunca chegaria, mas sim, a era dos juros negativos está muito próxima do fim no planeta.

A economia do Japão evitou uma recessão técnica, mostraram dados revisados do governo, embora a revisão para cima nos dados do quarto trimestre tenha sido mais fraca do que o esperado e tenha destacado preocupações sobre a lenta recuperação econômica. O PIB nipônico expandiu em um ritmo anualizado de 0,4% no período de outubro a dezembro em relação ao trimestre anterior, bem melhor do que a estimativa inicial de uma contração de 0,4%, de acordo com o Escritório do Gabinete. O consumo privado, que representa cerca de 60% da economia do Japão, caiu 0,3% em outubro-dezembro, um pouco pior do que a queda de 0,2% na estimativa inicial.

Kazuo Ueda, à frente do BoJ, deve pôr fim ao período de mais de 30 anos com juros negativados no mais tardar ao início de abril. Será o primeiro aumento de juros no Japão desde 2007. Ainda que as bolsas de valores e os grandes bancos já estejam delirando com as perspectivas de taxas longe das negativas aumentem as margens de lucro, o pragmatismo dita que as taxas devem permanecer rondando a nula ainda por um bom tempo. Manter baixos os custos de empréstimos é do interesse do governo, que busca investir em infraestrutura, educação e na defesa nacional.

O otimismo com a obtenção das tais condições favoráveis ao fim dos juros negativos está cada vez maior e os indicadores cada vez mais concretos. Ueda sinaliza este movimento no momento em que o maior grupo sindical do Japão, o Rengo, disse que a demanda por aumento salarial médio atingiu 5,85% neste ano, superando a marca de 5% pela primeira vez em 30 anos. A diretora do banco central Junko Nakagawa disse que a intensificação da escassez de mão de obra no país está estimulando mais empresas a retomarem a prática de aumentar os salários anualmente, sinalizando a convicção de que as condições para a eliminação gradual do forte estímulo da autoridade monetária estão se concretizando.

América Latina

Argentina

Com a perspectiva de rolagem da dívida e a promessa de flexibilização do câmbio, só o que Milei necessita é de um pouco de juízo e uma quantia indecente de capital sendo injetada na economia hermana.

O poder executivo argentino anunciou que obteve superávit fiscal em janeiro pela primeira vez em quase 12 anos. O balanço para as finanças do setor público argentino foi positivo no primeiro mês completo: o superávit foi de cerca de US\$ 589 milhões (R\$ 2,93 bilhões no câmbio oficial). A cifra também contempla o pagamento de juros da dívida pública. Nesse malabrismo da confiança do capital internacional, a estabilização do câmbio, o empréstimo pego junto ao FMI e uma inflação do tamanho de um glaciário patagônico, a queridinha alta de preços passa dos 250% em 12 meses, segundo o instituto oficial de estatísticas, o Indec.

A pobreza alcança 45% da população, segundo dados oficiais. Um estudo, inicialmente publicado pelo jornal *Ámbito Financiero*, projeta números ainda maiores: 57,4% dos argentinos vivendo abaixo da linha de pobreza, mais de 26 milhões de pessoas. "Será como uma espécie de 'V', um primeiro momento de queda, com o período mais difícil em torno de março e abril, que é quando chegará ao fundo e, a partir daí, começará a se recuperar. E quando se abrir o 'cepo' (restrições ao acesso a dólares que se mantém desde 2019), a economia vai disparar", estimou Milei. Assim rezam todos os dias os cidadãos argentinos para que esses estes devaneios momentâneos se tornem a mais pura realidade.

América Latina (cont.)

México

Voltando às origens, agora com novos cumpadres, a economia mexicana sabe com maestria como ser o galpão industrial, principalmente de montadoras automotivas, dos coleguinhos internacionais. E nada a reclamar até o momento, a economia cresce!

O PIB mexicano cresceu 3,2% em 2023 na comparação com o ano anterior, informou o Instituto Nacional de Estatística e Geografia (Inegi). A publicação final registrou uma leitura acima da estimativa preliminar de 3,1%. O dado trimestral também veio acima da estimativa preliminar e da expectativa de analistas ouvidos pela FactSet, que previam avanço menor, de 2,4%.

Voltando às montadoras... Foco nelas.

A chinesa BYD está procurando um local no México para instalar uma fábrica, disse Stella Li, presidente-executiva da BYD Americas. A empresa espera escolher um local para a fábrica, que deverá ter uma capacidade de produção de 150 mil carros por ano, até o final do ano. Um grupo de defesa da indústria manufatureira dos EUA, a Alliance for American Manufacturing, alertou este mês que os carros e peças chinesas podem ameaçar a viabilidade das empresas automotivas no país. O grupo pediu a Washington que bloqueasse a importação de carros e peças chinesas do México para evitar um “evento de nível de extinção” para o setor nos EUA. Li disse que as ambições da BYD no México são voltadas apenas para as vendas locais, acrescentando que a empresa está procurando locais nas áreas central e sul do país, em vez de perto da fronteira com os EUA, onde, segundo ela, os custos de transporte para chegar aos consumidores seriam caros.

Brasil

Ao começarmos a análise do panorama econômico em fevereiro, nossa intenção é oferecer uma perspectiva abrangente das dinâmicas que têm delineado o cenário financeiro doméstico. Este mês, nossa atenção está fortemente voltada para a notável resiliência em meio aos desafios econômicos.

Em relação à atividade econômica, testemunhamos um robusto mercado de trabalho, iniciando o ano com uma taxa de desemprego mensal de 7,5% em janeiro, devidamente ajustada sazonalmente. O crescimento contínuo da massa salarial contribui para sustentar essa resiliência, embora enfrentemos a persistência da carga de juros sobre as pequenas empresas, indicando um possível aumento da inadimplência nesse segmento.

O Produto Interno Bruto (PIB) exibiu estabilidade no último trimestre de 2023, registrando um crescimento anual de 2,9%. Contudo, é crucial notar uma oscilação descendente no consumo das famílias, marcando uma inflexão digna de consideração.

Nossas projeções para 2024 apontam para um crescimento do PIB em torno de 2,0%, uma calibração cuidadosa diante das informações mais recentes e das expectativas para a atividade econômica. Enquanto a inflação, medida pelos núcleos do IPCA, se mantém em consonância com a meta, destacamos uma pressão adicional na inflação de serviços, ainda que a percebamos como limitada.

A discussão no Brasil orbita em torno da extensão do ciclo de cortes de juros. A despeito da revisão para baixo da estimativa de inflação em 2024, de 3,6% para 3,5%, a persistência no núcleo da inflação de serviços é um ponto de cautela. O mercado de trabalho, por outro lado, demonstra resiliência, mas enfrentamos riscos fiscais e a ausência de uma valorização mais acentuada do Real.

Em relação às perspectivas de crescimento, mantemos uma visão construtiva, especialmente ao descontar o setor agrícola. O crescimento, embora abaixo do potencial, é sustentado pela elevação da poupança das famílias e pela vigorosa geração de empregos.

Ao adentrarmos o terreno da inflação e da política monetária, observamos com atenção as pressões nos serviços. O cenário prospectivo aponta para preocupações, com uma aceleração nos preços dos serviços e nos núcleos ligados ao mercado de trabalho. A condução da política monetária se depara com o desafio de equilibrar indicadores defasados e a chamada "tomada de risco controlada."

No cenário fiscal, permanecemos otimistas para 2024, influenciados por receitas não recorrentes. No entanto, adotamos uma postura mais cautelosa para 2025 e além. O resultado primário de janeiro pode estimular o consumo, mas a trajetória das despesas públicas exige atenção.

Nossas recomendações estratégicas refletem a necessidade de uma postura cautelosa diante dos riscos fiscais e das nuances nos indicadores de consumo e inflação. Incentivamos todos a monitorar de perto a política monetária e as decisões fiscais para ajustar estratégias de alocação. A manutenção de uma comunicação mais branda do Banco Central pode ser interpretada como uma tomada de risco devidamente gerenciada.

Brasil (cont.)

Em resumo, enquanto observamos um cenário econômico brasileiro resiliente, é imperativo adotar uma gestão cuidadosa em meio às incertezas que inevitavelmente surgirão nos próximos meses. Estamos atentos às dinâmicas locais e globais que moldarão nosso percurso nos mercados financeiros.

Juros & Câmbio

Em fevereiro, nos EUA, foram divulgados novos dados de atividade e do mercado de trabalho, em que observamos alguns pontos de atenção, impossibilitando os diretores do FED de amenizar o discurso em relação aos próximos passos para queda dos juros.

Apesar da deterioração das expectativas em relação à FED Funds Rate no fim do ano, o índice DXY, que mede a força do dólar, não acompanhou a intensidade do movimento, penalizando as moedas emergentes.

Além da possibilidade de cortes de juros menores nos EUA ou depois do consenso, as moedas emergentes também foram penalizadas pela deterioração da indústria e construção civil na China.

Nesse cenário, o dólar à vista apresentou alta de 0,38% em relação ao real, cotado aos R\$ 4,97. Desde o início do ano, a alta já acumula 2,46%, diante do aumento da percepção de risco ao redor do globo.

O Euro acompanhou a moeda norte-americana, avançando 0,26%, enquanto a Libra recuou 0,11%, frente ao real.

Em território nacional, nossa percepção é que o cenário foi consideravelmente melhor que o esperado, devido às surpresas positivas com dados fiscais e com a arrecadação, que cresceu 6,7% em janeiro em relação ao mesmo mês de 2023.

Registramos também a arrecadação de R\$ 4,1 bilhões com a tributação da segunda parcela dos fundos exclusivos, superando até mesmo as otimistas expectativas do próprio governo.

Com as expectativas de crescimento do PIB em 2% somadas a divulgação dos dados acima, o debate a respeito da tentativa do governo de zerar o déficit primário até o fim do ano, pode ser estendido até maio, trazendo alívio para os investidores brasileiros.

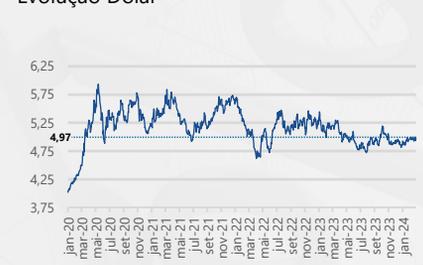
Ainda no Brasil, outro ponto a se destacar este mês é a nova resolução estabelecida pelo CMN, que restringe a emissão de CRIs, CRAs, LCIs e LCAs. Essa decisão acarretou em uma demanda expressiva por títulos isentos, cuja oferta não acompanhou o volume de entrada, resultado em uma compressão dos prêmios destes ativos.

Em relação ao Bitcoin, após um mês de janeiro atípico, marcado pela baixa oscilação, observamos retomada expressiva do movimento de alta, em valorização de 43,8%, aos US\$ 61 k. Desde o início do ano, o principal criptoativo registra ganhos de 44,7%.

Moedas

Dólar	4,97	0,38%
Euro	5,37	0,26%
Libra	6,28	-0,11%
Yuan	0,69	0,09%
Iene	0,03	-1,75%
Lira Turca	0,16	-2,51%

Evolução Dólar



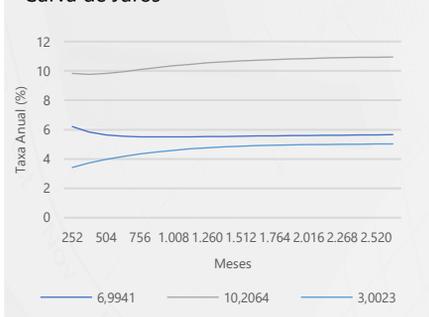
Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Evolução Ouro



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Curva de Juros



Fonte(s): Anbima. Elaborado pelo Aware Investments

Bolsas

Apesar da indefinição e volatilidade no mercado de juros, as principais bolsas globais registraram ganhos ao longo do mês de fevereiro.

Nos Estados Unidos, o S&P 500 registrou valorização de 5,2% impulsionado, mais uma vez, pela boa temporada de balanços em curso, com surpresa positiva média de 7,24%, em relação ao esperado.

Desde o início do ano, o principal índice acionário global já registra ganhos de 6,8%. Em relação à bolsa de tecnologia, a Nasdaq, a alta mensal foi de 6,1%, contribuindo para ganhos acumulados de 7,2%, desde o início do ano.

No Brasil, o desempenho foi mais comedido, com alta de apenas 0,99%. O resultado não foi suficiente para tirar o índice de campo negativo desde o início do ano, em baixa de 3,85%. Em relação ao EWZ, a alta foi de 0,27%, contribuindo para -5,58%, desde o início do ano.

Com a percepção de que as ações globais estavam mais atrativas ao longo do mês do que as brasileiras, os investidores estrangeiros retiraram R\$ 9,45 bilhões da B3, no período. No ano, o saldo negativo acumula R\$ 17,35 bilhões.

No Velho Continente, observamos dinâmica favorável, acompanhando a tendência de alta norte-americana, com o Euro Stoxx registrando valorização de 4,93%. Esse movimento de risk on pode ser justificado pela divulgação de dados econômicos, especialmente o CPI, onde observamos desaceleração do índice de preços.

Nesse cenário, destacamos a performance do índice alemão, o DAX, em alta de 4,58%. A bolsa francesa também registrou boa performance, em alta mensal superior a 3,5%. Por fim, a bolsa inglesa (FTSE) registrou performance estável.

Na Ásia, o ambiente de negócios também foi favorável, onde o maior destaque veio das bolsas chinesas, onde os índices Shenzhen, Shanghai e Hong Kong registraram altas de 13,61%, 8,13% e 6,63%, respectivamente.

Por fim, na Terra do Sol Nascente, o Nikkei registrou ganhos de 7,94%, contribuindo para valorização acumulada de 17,04%. Ao longo de fevereiro, mês marcado pela performance expressiva, a bolsa japonesa atingiu os 40.000 pontos pela primeira vez, superando seu recorde anterior, o maior patamar desde 1989.

Índices		
Ibovespa	129.020,02	0,99%
S&P 500	5.096,27	5,10%
Nasdaq	16.091,92	6,12%
Euro Stoxx 50	4.877,77	4,93%
Shanghai	3.015,17	8,13%



Perspectivas

Nesse desfile, tem que ter cuidado para não ultrapassar o tempo máximo na avenida, e ocasionar uma grande punição...

Se alguém tinha esperanças de um corte de juros nos EUA em março, a expectativa se encerrou tão brevemente como o Carnaval. Tanto a ata do FOMC, quanto as falas de diversos dirigentes do Federal Reserve ao longo de fevereiro, praticamente fecharam as portas para um corte de juros em março. Os mais otimistas, enxergam uma possibilidade do ciclo de queda se iniciar em maio, mas a maioria das apostas está ancorada no primeiro corte de juros em junho ou julho desse ano. A economia americana vem mostrando sinais de resiliência, e adicionalmente, divulgou dados de inflação praticamente em linha com as expectativas. Apesar de todo o discurso de que a inflação ainda está alta e de que o Fed não tem pressa para reduzir juros, prolongar um nível restritivo durante um período maior do que o necessário, pode trazer consequências ruins. O Fed precisa ter em mente que os efeitos da política monetária não são instantâneos, e que caso erre o timing novamente, será bastante criticado.

A Europa se comporta como um bloco de rua tradicional, tocando suas marchinhas clássicas, e seguindo a mesma esteira do discurso de controle inflacionário. De modo geral, autoridades do BCE disseram nas últimas semanas que precisam estar mais confiantes de que a inflação da zona do euro caminha de forma sustentável para a meta oficial de 2%, antes de cogitarem a possibilidade de cortes de juros. Porém, um ciclo de queda de juros se iniciando na Zona do Euro, antes dos EUA, é algo que não pode ser descartado, pois os dados econômicos vêm se apresentando positivamente. E na Ásia, o Banco Central da China reduziu a taxa de empréstimos de 5 anos para 3,95%, a fim de estimular o consumo e reverter a crise imobiliária, que vem se mostrando um adversário duro de ser vencido, prejudicando a retomada econômica tão aguardada pelo mercado.

Tal como uma escola de samba do grupo especial que busca o título, o Brasil ainda precisa conquistar os jurados, principalmente nos quesitos, evolução e harmonia. Apesar do Brasil apresentar também uma inflação um pouco mais alta em janeiro, o IPCA-15 de fevereiro vindo abaixo das expectativas foi um bom sinal de que estamos evoluindo na busca de entregar a inflação ao centro da meta. Por outro lado, o governo vem tendo dificuldades de negociação no congresso, em pautas primordiais para melhora da economia do país.

Nesse cenário, enxergamos que ainda teremos alguma pressão na curva de juros, principalmente causada pelas expectativas dos juros americanos. Por outro lado, a bolsa pode se beneficiar das precificações dos juros de curto prazo, que se encontram bem ancorados. O cenário fiscal ainda incerto, tende a fazer o dólar permanecer forte frente ao Real. No exterior, abre-se oportunidades para alocação em bonds, que no movimento de apostas de juros altos por mais tempo, permanecem descontados.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que despendemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com